

Por outro lado, as experiências de voluntariado deixam de tal forma marcas na vida de quem as pratica que muitos voluntários regressam ao país onde desenvolveram a sua acção com a missão de realizar novos projectos de voluntariado ou de aí trabalhar numa empresa ou ONGD, dando assim continuidade à missão que se sentem chamados a cumprir.

No horizonte do voluntariado missionário, permanece a convicção de que vivemos num mundo global, onde todos somos responsáveis por todos (conforme o apelo de João Paulo II, no n.º 8 da encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*), independentemente do lugar que habitamos. O voluntariado missionário intensifica, assim, dinâmismos de solidariedade, onde o global e o local se cruzam.

Durante o ano de 2011 serão 1.133 os jovens e adultos, membros de 47 organizações de inspiração cristã, de cariz missionário, que realizarão projectos no âmbito do voluntariado missionário em países em desenvolvimento e em Portugal. Portugal contará com 846 voluntários missionários. África, América do Sul e Ásia receberão 287 voluntários portugueses. A Educação/Formação, Pastoral, Saúde, Animação Sócio-Cultural, Construção de Infra-estruturas e Agricultura são as principais áreas de intervenção das organizações que actuam nos países em desenvolvimento. Os principais destinatários das acções de Voluntariado para a Cooperação são os jovens, seguindo-se as crianças, as mulheres e os professores, bem como agregados familiares, idosos e os técnicos de associações locais. Em Portugal, grande parte do trabalho é realizado na área da Pastoral (27%), da Educação (25%) e da Animação Sócio-Cultural (24%). A Saúde, o Ambiente e o Apoio Social ocupam os restantes lugares (24%). No nosso país, os voluntários dedicam o seu tempo, conhecimento e cuidado às crianças (24%), idosos (24%) e jovens (21%). Mas também às famílias (13%), mulheres (8%), professores (5%), técnicos de associações (4%) e outros (3%).¹

A Fundação Fé e Cooperação (FEC) coordena, desde 2002, a Rede de Voluntariado Missionário, que congrega 57 organizações que, em Portugal, enviam voluntários em missão para países em desenvolvimento. Da Rede fazem parte entidades portuguesas ligadas a grupos universitários, congregações religiosas, ONGD, paróquias e dioceses e têm em comum a identidade cristã, o trabalho na área da cooperação para o desenvolvimento e a integração de voluntários missionários nas suas acções. A Rede tem como principais objectivos estabelecer pontes e promover a acção de todas as organizações membro. Entre as principais actividades, destacam-se: i) a partilha e intercâmbio de experiências; ii) a formação conjunta; iii) a divulgação do trabalho realizado; iv) e a promoção de interesses comuns.

Desde 2003, têm partido, em média, por ano 300 voluntários. Desde 1988, já partiram 4.094 voluntários missionários em missões humanitárias.

Notas

¹ Dados do inquérito realizado pela FEC às organizações de voluntariado missionário, entre Maio e Junho de 2011.

Imigrante e voluntário: Uma questão de atitude *Immigrant and volunteer: A question of attitude*

Cármen Queiroz* e Timóteo Macedo**

Resumo Ao abordar o Voluntariado, tal como ele é praticado na Associação Solidariedade Imigrante, o texto distingue também entre os que precisam dele e os que dele se servem. A usurpação do voluntariado, muito visível na comunicação social, não é, nos tempos que correm, um voluntariado comprometido com as causas e os ideais dos excluídos, dos sem nada. O voluntariado torna-se também institucional, serve os interesses do poder instituído e os seus objectivos; amortece as desigualdades e revoltas, e é usado como alimento e falsa caridade, em vez de ser uma arma da solidariedade e da justiça social no combate pela emancipação dos mais vulneráveis e pobres.

Palavras-chave Instituições, padrões, interculturalidade, imigrantes, voluntários, solidariedade

Abstract Addressing Volunteering, as it is practiced in the Associação Solidariedade Imigrante, the text also distinguishes between those who need it and those who serve it. The usurpation of volunteering, very visible in the media these days, is not a volunteering committed to the causes and ideals of the excluded. Volunteering also becomes institutional, serving the interests of state agents and their objectives; cushioning inequalities and riots, and being used as false charity, rather than a weapon of solidarity and social justice in the struggle for the most vulnerable and poor emancipation.

Keywords Institutions, employers, interculturality, immigrants, volunteers, solidarity

* Psicóloga, activista e voluntária na Associação Solidariedade Imigrante / Psychologist, activist and volunteer at the Associação Solidariedade Imigrante. (solidariedade_imigrante@hotmail.com)

** Presidente da Associação Solidariedade Imigrante (ASI) / ASI's President (solidariedade_imigrante@hotmail.com)

■ Imigrante e voluntário: Uma questão de atitude¹

Cármem Queiroz e Timóteo Macedo

Para quem vem de longe e atravessa um enorme oceano para chegar ao Brasil, deixando para trás saudades, família, amigos e a rua onde brincou, a prioridade é sempre a concretização dos sonhos e das muitas expectativas criadas. Há promessas feitas e pela frente está a tal grande oportunidade na vida que não se pode perder. Anos mais tarde há-de chegar a merecida recompensa e com ela uma situação económica muito mais desafogada e uma melhor posição social. Para os imigrantes, o trabalho é vital e a melhoria económica é o objectivo principal.

Mas a realidade da vida de imigrante não é fácil, nem certa. Há sempre imprevistos e o projecto de vida, que se vai tentando construir, raramente é um caminho em linha recta: são as filhas que chegam; é o trabalho precário e as despesas do quotidiano a aumentarem; são as atitudes negativas de pessoas sem princípios (patrões sem escrúpulos e, principalmente, as instituições que não nos respeitam, que nos maltratam e discriminam).

Transformar a revolta e a “raiva” em atitude positiva e em acções de voluntariado é uma luta permanente e nada fácil. Para além das agruras da vida, também a consciência nos diz e faz pensar que, num passado recente, também nós gostámos de ser apoiados.

Destas grandes e boas práticas, realizadas por pessoas simples e comuns, raramente se fala e dá eco. Não se publicitam e nem sequer servem para alterar políticas, práticas e preconceitos. Mas nós não desistimos. Lembramo-nos de Martin Luther King que dizia, na sua magnífica alocução, “*I have a dream*”: “*Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida*”.

E é a vida da solidariedade que vai pesando mais na nossa balança das indecisões, das dúvidas e receios. São os valores e os direitos que vencem e que nos tornam também voluntários.

Deve-se, no entanto, ter em consideração, que o indivíduo, ao abandonar o seu país, também está a “adormecer” toda a sua vivência anterior, toda a sua bagagem. Enquanto imigrantes, vivenciamos uma série de experiências que se reflectem no nosso modo de trabalhar e viver, que estão para além da profissão, e com as quais tivemos um contacto maior nos nossos países de origem. Por isso, existe, frequentemente, a necessidade de mostrarmos as nossas capacidades, sejam elas artísticas, profissionais, humanas e outras. São sobretudo essas que levam ao desenvolvimento de um trabalho voluntário em associações e instituições, por pessoas que

anseiam revelar que também são portadores de conhecimento, saberes e culturas, para além do trabalho pelo qual recebem a sua remuneração mensal, e cuja riqueza contribui certamente para o bem-estar de toda a sociedade.

Como tudo na vida, há opções e escolhas a fazer. O voluntariado é uma boa escolha. Na Associação Solidariedade Imigrante o trabalho mistura-se com as nossas horas de voluntariado. Nesta Associação, são os próprios imigrantes a falar com outros imigrantes, a apoiá-los na resolução dos seus problemas, de modo a fazer com que exista uma empatia e uma relação de confiança e afecto, relativa às questões que cada um traz consigo para resolver. Ninguém melhor do que os próprios para se apoiarem e ajudarem na resolução dos seus problemas. E foi esta visão tão justa e clara, tão potenciadora das vivências e capacidades que cada um tem, que apesar de tudo, nos tornaram também voluntários.

Neste espaço, que também partilhamos com outros, todos os dias, há imigrantes e outros cidadãos, que depois do seu trabalho, vêm livremente fazer aqui voluntariado, impelidos pelas mais variadas motivações e interesses. Um número significativo de pessoas (imigrantes ou não), que por aqui vão passando, procuram exercer uma actividade voluntária específica, vindos já com uma ideia fixa do que pretendem fazer.

A Associação tem formas e motivações múltiplas de trabalho voluntário. A saber:

1. O Voluntariado institucional do Serviço Voluntário Europeu, o do Programa Leonardo Da Vinci, o do Programa Erasmus e o dos estagiários das Escolas e Universidades nas suas várias fases de estudo e aprendizagem, candidatam-se essencialmente para a área da interculturalidade e cidadania;
2. O Voluntariado motivado por razões pessoais e profissionais é que aquele que visa sobretudo ganhar experiência e enriquecer o *curriculum vitae* dos seus participantes. As suas preferências são a área do atendimento jurídico e articulação, a da interculturalidade e cidadania, ou a área da mulher imigrante e a do direito à habitação;
3. O Voluntariado que se disponibiliza para qualquer trabalho é aquele que se utiliza a si mesmo na prossecução de outros fins. Os que o constituem são aqueles que vêm no trabalho voluntário que a Associação lhes oferece, independentemente da área de intervenção, uma oportunidade de poderem arranjar um emprego na própria Associação ou, através dela, conseguirem um protagonismo tal que lhes sirva de trampolim para outras oportunidades. Naturalmente que nestes casos preservamos sempre a ética e o próprio espírito associativo. Somos claros com estes potenciais voluntários, de que esta não é nem será uma prática aceite na Associação;

4. Por último, o Voluntariado que se faz de uma forma desinteressada e por causas. Este é essencialmente praticado por adultos e jovens imigrantes, provenientes das mais variadas nacionalidades, essencialmente de países da União Europeia. Este é o Voluntariado, que ao ultrapassar a situação de imigrante, pretende fazer nascer cidadãos de plenos direitos.

Os voluntários imigrantes adultos encaixam-se perfeitamente no apoio ao atendimento e articulação, numa área onde a experiência e o percurso de vida, para além do conhecimento adquirido, são ferramentas essenciais na ajuda que se presta a outros, que ao viverem situações muito parecidas, precisam deste apoio como do “pão para a boca”. Com os excelentes resultados obtidos no movimento associativo imigrante, defendemos e provamos, na prática, que os melhores defensores dos imigrantes são sempre os próprios imigrantes pelos motivos que a sua condição torna inquestionáveis.

Já os mais jovens preferem outras áreas, nomeadamente, a da interculturalidade e cidadania, onde muitas vezes se juntam, ao longo do ano, mais de três dezenas de voluntários.

Ao todo, desde um voluntariado mais planificado e espontâneo, a um mais pontual, são cerca de meia centena, os voluntários que dão apoio na Associação.

A interacção vivenciada, as cumplicidades trocadas, a solidariedade exercida e sempre presente, a esperança que por aqui nunca morre, a vontade e a luta que travamos por melhores condições de vida, são marcantes neste espaço associativo e para todos que por aqui vão passando.

O ar que por aqui se respira e a riqueza da diversidade existentes são factores de captação e simpatia de muito voluntariado. Com todos eles, a Associação constrói outro mundo e outro imaginário, onde o sentimento de pertença e a liberdade estão sempre presentes.

Mas é, infelizmente, a atitude errada dos poderes que nos interpelam todos os dias – numa tentativa de institucionalizarem e de tornarem empresarial toda a sociedade civil, acrescida da proliferação de serviços e aparelhos tecnocratas, e das acções que desenvolvem junto das pessoas – o que contribui para desvirtuar o sentido da Solidariedade e do Voluntariado. São estes os poderes que ocupam os territórios que, por inerência, deveriam ser lugar e pertença dos cidadãos e das suas mais variadas formas de organização. É a constatação preocupada relativamente a estes factos que causa um acentuado desincentivo na participação e motivação de toda a sociedade civil.

Apesar de tudo, deixamos aqui uma nota de optimismo: com o trabalho voluntário temos a sensação de que todos ganhamos. Ganham aqueles que dão e os que recebem. É que a partilha de valores torna-nos melhores. É, sem dúvida, muito mais ricos.

Notas

¹ Texto revisto por Amílcar Fidelis, Jornalista.